

A ALTERNÂNCIA ENTRE TU E VOCÊ E O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE UM CASAL NÃO ILUSTRE DE 1930

Érica Nascimento Silva (UFRJ)
e-mail: erica.n.silva@gmail.com

Introdução

Para uma pesquisa sociolinguística é de suma importância saber o meio social em que os indivíduos analisados estão inseridos, bem como questões referentes ao letramento dos mesmos. Essas informações sobre esses indivíduos muitas vezes podem ser acessadas facilmente, sobretudo se o trabalho for sincrônico, mas, em pesquisas diacrônicas, a depender de quem são as pessoas envolvidas, essa se torna uma tarefa árdua. Em virtude disso, obter informações acerca das pessoas envolvidas nos diálogos travados nas cartas utilizadas nesta pesquisa foi uma das dificuldades encontradas para a realização deste trabalho, pois, a análise baseia-se nos escritos de um casal de noivos comuns, sem nenhuma ligação aristocrática ou burguesa, JOS e MRC que trocaram correspondências entre os anos de 1936 e 1937, no Rio de Janeiro.

Assim, o objetivo inicial deste trabalho é traçar o perfil sociolinguístico do casal de noivos a partir da grafia dos missivistas. Para tanto, será utilizada a ferramenta metodológica E-dictor, para que se possa coletar dados referentes a aspectos grafemáticos dos escreventes. Essa análise filológica, para traçar o grau de letramento dos missivistas das cartas, baseia-se em alguns critérios levantados por Marquilhas (1996) e Barbosa (1999) referentes a mãos inábeis de séculos passados.

Depois de concluída essa etapa, o objetivo é apresentar dados e números acerca da alternância de *tu* e *você* na posição de sujeito. Vale ressaltar que a análise grafemática de cunho mais filológico relaciona-se diretamente a essa de base linguística, já que a segunda etapa desse trabalho leva em consideração as constatações acerca do perfil sociolinguístico dos missivistas feitas a partir da escrita dos noivos.

Diversos estudos anteriores, como os de Lopes e Machado (2005), apontam que a nova forma pronomial *você* adentrou no paradigma pronominal do português brasileiro inicialmente na posição de sujeito. Duarte (1993) mostra que o preenchimento do sujeito está relacionado com a expansão do uso de *você* nessa posição, tendo um crescimento acentuado na sua frequência em finais da década de 1930. Conforme análises de Machado (2006), Rumeu (2008) e Souza (2012), esse *você* ocorre preferencialmente pleno.

Soto (2001) e Rumeu (2008) mostraram, com base em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, que as mulheres utilizavam com mais frequência a forma *você* do que os homens. As autoras defendem, pois, que a inserção desse novo pronome teria ocorrido, sobretudo, em virtude do seu uso por parte do gênero feminino. Esse fato vai ao encontro do postulado de WLH (1968) acerca do gênero. Como discutido anteriormente, o autor defende que a mulher tende a utilizar as formas padrão em detrimento das estratégias estigmatizadas, por isso atuariam diretamente na manutenção ou inclusão de novos itens na língua.

1. Corpus

Por informações que constam das cartas, conforme Silva (2012), MRC, a noiva de JOS, tinha três irmãos. Viviam na mesma casa com uma das irmãs em Petrópolis e os dois rapazes moravam com os pais na capital, na Rua São Francisco Xavier, Zona Norte do Rio. Além desses familiares, MRC tinha uma filha e era mãe solteira, pois em nenhum momento faz menção ao pai da criança.

JOS trabalhava em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis situada na Rua Buenos Aires, 160, no Centro da então capital federal. Esses dados puderam ser obtidos através dos envelopes ainda mantidos. Ao longo das cartas, localizaram-se alguns

endereços que sugerem ter ocorrido uma mudança de imóvel por parte de JOS. O noivo morava com os pais e irmãos. Por morar em bairros localizados no subúrbio do Rio, JOS costumava se deslocar para o trabalho por meio de bonde e tinha como hábito ir à igreja da Penha.

O *corpus* utilizado neste trabalho é composto de missivas de pessoas não ilustres. Apesar das diversas visitas feitas a cartórios, ao endereço constante nos envelopes e a arquivos históricos, não foi possível obter dados sobre os informantes. Em função dessas limitações, optou-se por tentar captar na própria documentação características sociais dos remetentes, observando na estrutura das cartas, propriedades da escrita referentes à grafia. Para tanto, partiu-se dos estudos de Marquilhas (1996) e de Barbosa (1999) com o intuito de identificar os traços que apontem os autores das cartas em questão – JOS e MRC – como remetentes mais ou menos letrados.

2. A análise grafemática

O grau de escolaridade (nível fundamental, médio e superior) tem sido um fator importante na análise de certos fenômenos variáveis nos estudos baseados em dados da oralidade. Isso se deve ao fato de os falantes com alto nível de escolarização apresentarem maior sensibilidade às variantes prestigiosas, evitando as formas socialmente estigmatizadas. Para sincronias passadas, contudo, os parâmetros de escolarização devem ser mensurados por critérios de outra natureza seja por não se ter informações sobre o nível de escolaridade do escrevente, seja pelo fato de os critérios não serem comparáveis.

Atualmente é comum utilizar como critério para determinar falantes cultos, por exemplo, o fato de o indivíduo possuir ensino superior completo. No entanto, percebe-se que o mesmo parâmetro não pode ser adotado para analisar *corpora* diacrônicos em virtude da quase inexistência de cursos superiores no Brasil de fins do século XIX e início do XX e dos parâmetros educacionais basearem-se em outros critérios. Barbosa (2005) propõe que é necessário conhecer os valores de letramento da época em análise para que seja possível traçar um parâmetro que vá guiar o estudo no que se refere ao planejamento linguístico e à formalidade do texto.

Teoricamente, para sabermos o quão culto um dado redator seria em uma determinada fase histórica, será necessário, primeiro, vislumbrar os valores de letramento da época que difiram dos da nossa; depois reconhecer os modelos textuais de padrão culto objetivamente à disposição. (BARBOSA, 2005, p. 30).

Utilizando-se de documentos oficiais e cartas de comércio do século XVIII, Barbosa (1999), com base em critérios estipulados por Marquilhas (1996), analisou tais textos a fim de evidenciar as características que permeavam os escritos de “mãos hábeis” e “mãos inábeis”, procurando identificar aspectos fonético-fonológicos e filológicos que evidenciassem o grau de letramento dos redatores dos mesmos.

Marquilhas (1996), em trabalho com manuscritos do Português Clássico do século XVII, dispõe as cartas observando as características que essas apresentam, a fim de observar uma manifestação física da escrita. Para tanto, a autora levanta algumas características que seriam típicas das mãos inábeis, ou seja, de redatores com menos habilidade com a escrita, estabelecendo um parâmetro para medir o grau de letramento dos indivíduos.

A autora tenta traçar a letramento por meio da observância de alguns critérios que qualifiquem indivíduos de mãos hábeis e inábeis, atestando que os primeiros seriam aqueles que tivessem mais domínio do registro escrito e os outros, em contrapartida, os que tivessem menos contato com esse registro. O quadro a seguir apresenta algumas das características levantadas por Marquilhas (1996): ausência de cursus, uso de módulo grande, ausência de regramento ideal, traçado inseguro, tendência às letras desenquadradas, irregularidades da empaginação, elenco limitado de abreviaturas, falta de leveza ao conjunto, uso de maiúsculas

no interior das palavras e hipersegmentação.

Esses critérios funcionam como referência balizar que auxilia na identificação dos autores com menos intimidade com o registro escrito, por isso, algumas dessas características dizem respeito à qualidade da forma da letra do indivíduo. É de se imaginar que pessoas com mais habilidade na escrita consigam ter traços mais firmes, letras mais arredondadas e interligadas, mantendo uma cursividade homogênea.

Embora essas características já possam demonstrar que os remetentes dos documentos têm ou não mais contato com textos escritos, essas não são suficientes para provar o grau de letramento dos mesmos. Isso é verificado na própria análise de Marquilhas (1996), pois, embora os indivíduos que apresentassem algumas das características mostradas acima, linguisticamente, o conteúdo dos escritos transparecia um nível de letramento mais elevado. Para tanto, a autora analisou a escrita tomando como base à ortografia para que conseguisse uma descrição mais sólida acerca dos escreventes em questão, agrupando os aspectos grafemáticos em dois grupos: o de aquisição da escrita e o de marcas de oralidade na escrita.

Para o trabalho que é proposto aqui, não serão levados em conta todos os aspectos levantados por Marquilhas (1996) e por Barbosa (1999). Foram necessárias algumas adaptações e atualizações para que se dê conta da natureza da amostra analisada. Diferentemente dos textos clássicos de Marquilhas (1996) e oitocentista de Barbosa (1999), o *corpus* em análise é mais recente (século XX), sendo composto por cartas de amor particulares.

O foco em nossa proposta se limita a aspectos que abrangem à presença de oralidade no texto escrito e desvios grafemáticos. Para os manuscritos do Português Clássico apontados por Marquilhas (1996), a autora levanta algumas marcas de oralidade, como: monotongação / ditongação, síncope das vogais pretônicas, variação dentre <e> e <i> / <o> e <u>, alteamento das vogais [e] e [o] quando pretônicos, variantes em [i] e [u] em monossílabos, abaixamento das vogais [i] e [u], centralização, epênteses, nasalização e variação entre [b] e [v].

Será feita uma incursão filológica utilizando-se alguns tópicos levantados por Marquilhas (1996) e Barbosa (1999), a fim de que se possa traçar o perfil sociolinguístico dos remetentes das missivas.

As hipóteses que nortearão esta análise filológica, dispostas em seguida, baseiam-se nos trabalhos já citados¹, e têm como objetivo propor uma metodologia alternativa para identificação do grau de escolarização e/ou letramento dos remetentes a partir de uma visão escalar: [+] ou [-] letramento:

- 1 A ausência ou presença desvios grafemáticos pode ser um indício do grau de letramento dos remetentes, por isso espera-se que as taxas de frequência desses desvios sejam mais altas na produção dos missivistas com pouco domínio da norma escrita. A transposição da oralidade para a escrita é um fator que contribui para que haja mais realizações de desvios grafemáticos, portanto, é um indício de baixo letramento do missivista, uma vez que evidenciaria pouca intimidade com textos escritos.
- 2 O uso de variadas palavras etimologizadas ou pseudo-etimologizadas pode indicar que o missivista tenha tido mais contato com textos escritos e, por isso, tenha maior letramento, conforme trabalho de Barbosa (2005).
- 3 A segmentação e junção silábica e/ou vocabular² é um dos principais aspectos para

1Marquilhas (1996) e Barbosa (2005) e (1999).

2Chama-se de segmentação neste trabalho vocábulos fragmentados, como: *a qui, com migo e estaç-ão*. A junção, por sua vez, é o processo inverso no qual há a união de elementos que deveriam estar separados, como em *mezango e pramin*.

caracterização dos missivistas em mais ou menos letrados, pois são questões que refletem o contato e domínio dos mesmos com textos escritos, como aponta Marquilhas (1999).

Trata-se de uma tentativa de identificar o perfil social dos missivistas a partir de características peculiares à sua escrita de maneira a explicitar o seu grau de letramento. Para tal tarefa foi utilizada uma ferramenta computacional auxiliar, o programa de edição eletrônica E-dictor (PAIXÃO DE SOUZA; KEPLER, 2007).

O funcionamento do *E-dictor* consiste em gerar arquivos XML – responsáveis por facilitar buscas e possibilitar notações diversas no texto editado. Há diversas opções quanto à manipulação do texto editado, conforme aponta Paixão de Souza (2009)³.

Não interessa aos objetivos desse trabalho discutir todos os recursos, possibilidades e vantagens que o programa disponibiliza ao usuário. O intuito é centrar no processo de edição da versão original para a versão modernizada.

Em termos da caracterização social dos remetentes das cartas, um dos problemas que o *corpus* utilizado neste trabalho ofereceu foi a ausência de informações sobre os fatores externos tradicionalmente utilizados em estudos sociolinguísticos, tais como: faixa etária, origem, escolarização. Para poder delinear os autores das missivas com maior precisão, fez-se necessário propor parâmetros que servissem para mensurar o nível de escolarização ou, mais precisamente, o maior ou menor contato dos missivistas com a norma culta da época. Não foram utilizadas gramáticas vigentes no período, porque, através da leitura dos textos, percebeu-se que o JOS e a MRC diferenciavam-se mais na estruturação do conteúdo da carta e na presença de vocábulos com desvios grafemáticos. Espera-se que uma pessoa com maior contato com modelos de escrita (escrituralidade) seja mais íntima da norma culta e, conseqüentemente, siga mais rigidamente as regras do modelo do texto que adota.

Veja-se que um redator culto, mesmo quando escreve sem a pressão de formalidades, sem preocupação de vigiar seu próprio produto, sempre deixa, em algum nível – e de alguma forma – em seu texto, alguma marca daquilo que, no contexto de sua época, é considerado padrão culto. (...) É o raciocínio inverso ao aplicado ao redator tido como não culto, afastado dos ditames do modelo padrão de comportamento linguístico (contado na escola e/ou na leitura frequente de textos ao padrão). Esse tipo de redator, mesmo que decida redigir um texto formal, deixará evidente, pelos seus *desvios*, que ele não convive com os gêneros discursivos modelares da cultura erudita de sua comunidade. (BARBOSA, 2005, p.29)

O indivíduo mais culto, mesmo que não esteja sob pressões normativas, deixará transparecer em sua produção escrita, em algum momento, reflexos do seu nível de contato com textos escritos, conforme afirma Barbosa (2005).

A análise proposta neste primeiro momento busca evidências filológicas e textuais para comprovar qual dos remetentes – JOS ou MRC – apresenta maior grau de letramento.

2.3. Os critérios gerais de análise das missivas

Considerando a dificuldade obter dados sobre os remetentes, buscou-se um método de análise que captasse a diferença entre os missivistas. O objetivo, como mencionado, era identificar um perfil sociolinguístico que vislumbrasse o grau de letramento dos mesmos. A análise baseia-se nos critérios levantados por Marquilhas (1996) e Barbosa (1999), mas com

3As opções descritas por Paixão de Souza são: conversão do texto transcrito para XML, informações dos mecanismos a serem utilizados no documento; edição de propriedades do texto (título, ano de produção, autor, ano de nascimento e extensão do texto - parcial ou completo), bem como registro de comentários gerais sobre este (comentários de edição/codificação); inserção de cabeçalho e rodapé; e inserção de número de paginação;

algumas adequações que foram consideradas pertinentes em função da natureza do *corpus* e da proposta da pesquisa.

Dessa forma, foram levantados os seguintes critérios para a identificação do perfil sociolinguístico dos missivistas: segmentação, junção, modernização e expansão.

As cartas foram agrupadas de acordo com os remetentes e seguindo os quatro aspectos de edição citados anteriormente: junção/segmentação, modernização e expansão. Levaram-se em consideração as observações já feitas por Barbosa (1999) e Marquilhas (1996), que atestam a segmentação e junção vocabular como um dos pontos que evidenciam as mãos inábeis. Por isso, esses dois aspectos foram ordenados em primeiro lugar, seguidos pela modernização e expansão como critérios complementares.

Na tabela (1) a seguir consta o resultado da quantificação das formas linguísticas que sofreram algum tipo de intervenção no processo de edição. Foram quantificados os seguintes recursos: segmentação/junção, desvios grafemáticos, etimologização e abreviatura. Foram selecionadas 1353 palavras correspondentes a esses critérios.

Na primeira coluna foram dispostos os parâmetros de medição utilizados para apurar o grau de letramento dos missivistas, de forma que [-] domínio da escrita implica em números mais elevados de segmentação/junção e desvios grafemáticos, ao passo que [+] domínio da escrita resulta em frequência maior de etimologização e abreviatura.

Nas colunas seguintes são apresentados as ocorrências dos critérios nas cartas de JOS e MRC, como pode ser observado a seguir.

	Crítérios	JOS	MRC	Total
[-] domínio de escrita	Segmentação / Junção	21 8%	255 92%	276
	Modernização (grafia)	126 14%	748 86%	874
[+] domínio de escrita	Modernização (etimologização)	122 73%	45 27%	167
	Expansão (abreviaturas)	21 58%	15 42%	36
	Total	290 - 100%	994 - 100%	1353

Tabela 1: Intervenções grafemáticas nas cartas de JOS e MRC.

Na quantificação geral das intervenções feitas durante o processo edição, verifica-se, na tabela (1), uma discrepância significativa no número de palavras analisadas segundo esses critérios nas cartas do JOS e da MRC. Foram localizados 290 dados nas missivas do noivo e 994 nas da noiva. Esse resultado evidencia um número significativo de intervenções no processo de modernização das cartas de MRC. Os resultados da modernização da grafia demonstram que MRC apresenta mais desvios grafemáticos do que o JOS – 86% contra 14%. Foram encontrados, nas cartas da MRC, 748 desvios de grafia e nas do JOS, apenas 126.

Em relação à segmentação e junção das palavras encontradas nas missivas pode-se dizer que a MRC apresenta 255 dados referentes a esse critério – o que corresponde a 92% - enquanto que o JOS, apenas 21 (8%).

Esses dois critérios analisados – segmentação/junção e desvios grafemáticos – já apontam a MRC como sendo uma pessoa com menos domínio da escrita, já que a frequência de dados correspondentes a esses aspectos são maiores do que as observadas nas cartas do JOS.

Outro resultado que reforça tal postulação está relacionado ao controle das etimologizações. Nesse caso, ao contrário do observado na segmentação/junção e nos desvios de grafia, quanto maior a presença de termos etimologizados maior o grau de letramento do

informante. Na tabela verifica-se que JOS apresenta 73% de dados (122 palavras etimologizadas) e MRC apenas 27% (45 palavras). Tal aspecto será melhor discutido mais adiante.

O número pouco expressivo de abreviaturas que foram expandidas no processo de edição e a proximidade numérica entre os remetentes (21 dados de JOS e 15 de MRC) não nos pareceu relevante para referendar a hipótese da diferença entre a habilidade com a escrita dos dois informantes.

É possível perceber na análise dos exemplos que todas as ocorrências de segmentação e junção nas cartas do JOS aconteceram sempre em função do pronome objeto em posição de ênclise ou mesóclise – à exceção de *ati* e *a onde*. O noivo sistematicamente junta o pronome ao verbo. O remetente, portanto, alterna entre a junção e a separação do pronome clítico ao verbo talvez influenciado pela característica dessa partícula que é um clítico que pode se deslocar de posição (CAMARA JR, 1970, [2006]).

- 1) “voce sabe perfeitamente que | só **ati** é que eu amo, tú sabes que só **ati** | é que pertenco” (JOS/MRC – 19/01/1937)
- 2) “sinto-me feliz, meu amor só **a ti** | pertence” (JOS/MRC – 19/01/1937)
- 3) “ou então pareço ouvir teus labios a dizer-me que tam- | bem sentes saudades minhas ou pareço **ouvil-os** | suplicantes a pedirem beijos [...]” (JOS/MRC – 20/08/1936)
- 4) “Não posso **informarte** quando podemois | conversar. mais farei o possível para | ser o mais breve” (JOS/MRC – 19/01/1937)
- 5) “Espero dentro em breve ver-te novamente ao meu | lado [...]” (JOS/MRC – 25/08/1936)

Destaca-se ainda que JOS, embora tenha poucos dados referentes à segmentação e junção (21 dados apenas), apresenta em suas missivas duas maneiras de grafar a preposição – *a* – seguida pelo pronome de segunda pessoa *ti*: *ati* e *a ti*. Foram localizadas duas ocorrências de *ati* em uma única missiva, como pode ser observado nos exemplos (2) e (3). No caso de *me* e *te* foram identificados também usos variáveis: presença de hífen e junção do clítico ao verbo – *ouvil-os* – e ausência de segmentação do pronome com a forma verbal – *fazme*. Vale ressaltar que as segmentações/junções indevidas nas cartas de JOS com os clíticos *me* e *te* ocorrem em poucos vocábulos, sendo observados em verbos pouco usuais nas cartas, como *enaltece-me* e *informate*. Já o pronome *-lo* e suas variantes sempre aparecem segmentados equivocadamente.

Nas cartas de MRC, por outro lado, foi identificado um número bastante significativo de junções/segmentações no processo de modernização (255 ocorrências). Percebe-se que MRC, diferentemente de JOS, apresenta diferentes tipos de junções e segmentações. Um uso bastante recorrente da missivista é a separação do resto da palavra da vogal inicial de vocábulos iniciados por “a” e “o”: *alegria* por *a legria*, *aquele* por *a quele* e *ofendeu* por *o fendeu*. Aparentemente, MRC hesita no reconhecimento do limite vocabular de palavras iniciadas por vogal, segmentando como se houvesse um artigo definido. A mesma incerteza ocorre quando há semelhança entre parte da palavra e certas preposições como *em*, *com*, *na*, etc Isso ocorreu em: *em com tra*, *com tinua*, *sieu* e *na quele*. Há casos, entretanto, como em *pramin*, em que a missivista une o que deveria estar separado. Tais incertezas constantes quanto ao limite vocabular na escrita evidenciam que MRC tinha pouco domínio da escrita, uma vez que transpõe para escrita traços de oralidade o que é notável também em *vou menbora*. Outro aspecto que ratifica tal comportamento da remetente é a separação silábica que faz das palavras, desvio que, JOS não comete. Há dados em que a noiva isola consoantes, como em *m-uitos* e *gr-aças*, por não ter noção da segmentação das palavras e por não estar em constante acesso com textos escritos.

Nas missivas de MRC há muitas ocorrências de junção e segmentação e, ao contrário do que ocorre nas cartas do JOS, esse tipo de desvio relativo ao domínio nas fronteiras

silábicas e vocabular é frequente nas correspondências da noiva – o que já pode indicar o menor grau de letramento dela em relação ao noivo, como pode ser visto no quadro abaixo:

Dado	Junção	Segmentação	Modernização	Frequência
tam bem	tambem	_____	também	11
com migo	commigo	_____	comigo	10
de pois	depois	_____		10
a qui	aqui	_____		8
a sim	asim	_____	assim	6
a te	ate	_____	até	5
au- guma	au-guma	_____	alguma	5
a mor	amor	_____		4
sevoce	_____	se voce	se você	2
sieu	_____	si eu	se eu	2
tepresso	_____	te pesso	te peço	2
vou menbora	voumenbora	voume enbora	vou-me embora	2

No geral, esses resultados quantitativos preliminares já são claros em mostrar que em termos escalares JOS apresenta em sua escrita mais evidências do seu maior contato com variados textos e modelos de escrita e, conseqüentemente, o seu maior grau de letramento se comparado com o perfil de escrita de sua noiva. MRC, por sua vez, não demonstra ter muito domínio da norma escrita, visto que comete mais desvios referentes à segmentação e à grafia das palavras. A presença significativa de palavras latinizantes nas cartas de JOS, mesmo que nem sempre o missivista seja feliz nessa tentativa de se aproximar dos vocábulos mais próximos dos originais gregos e latinos, demonstra grande contato de JOS com o texto escrito e sua preocupação em parecer mais letrado.

3. A alternância entre tu e você

Nesta seção serão apresentados descritivamente os resultados da análise da variação dos pronomes *tu* e *você* nas cartas editadas. Levam-se em consideração, em termos teóricos e na formulação das hipóteses, o aporte variacionista laboviano (WLH, 1968) e os trabalhos anteriores acerca da alternância de formas pronominais de segunda pessoa, como Marcotulio (2008), Rumeu (2008) e Machado (2006), Lopes & Machado (2005). O objetivo é descrever o total das ocorrências das formas de segunda pessoa tendo em vista os diferentes contextos morfossintáticos, privilegiando, contudo, a posição de sujeito.

Para esta análise linguística, os dados foram submetidos, ao programa estatístico Goldvarb X, a fim de observar as frequências brutas das formas de 2ª pessoa nas cartas. Alguns trabalhos – como os de Duarte (1993), Lopes & Machado (2005) e Machado (2006, 2011) – evidenciam que houve uma mudança de comportamento no preenchimento do sujeito a partir dos anos 30: a sua realização plena começa a superar o uso como sujeito nulo. A entrada de *você* no paradigma pronominal brasileiro ocorreu por volta desse período segundo esses estudos com base em peças teatrais e cartas pessoais.

3.1. O preenchimento do sujeito

Para mostrar de que maneira a alternância entre as formas pronominais de segunda pessoa ocorreram nas cartas do casal de noivos na posição de sujeito, levantaram-se todos os dados referentes ao preenchimento e o não preenchimento do mesmo, como ilustra a tabela a seguir:

	JOS/MRC Casal 1936-37	TU		VOCÊ	
		Nulo	Pleno	Nulo	Pleno
Mulher	MRC-JOS	89/233 38%	19/166 12%	13/29 45%	75/96 78%
Homem	JOS-MRC	144/233 62%	147/166 88%	16/29 55%	21/96 22%
	Sub-total ⁴	233/399 58%	166/399 42%	29/125 23%	96/125 77%
	Total ⁵	399/524 76%		125/524 24%	

Tabela 2: Preenchimento do sujeito nas cartas

A tabela (2) mostra os resultados do preenchimento do sujeito de segunda pessoa – *tu* e *você* – nas cartas do JOS e da MRC. Em termos dos valores totais, percebe-se que a ocorrência de *tu* (pleno ou nulo) é muito maior do que *você*: 76% contra 24%.

Com relação especificamente ao preenchimento dessa posição, nota-se que o casal de noivos utiliza *tu* muito mais nulo do que pleno – 58% contra 42%. O emprego da forma *você* apresenta comportamento oposto, pois essa forma aparece preferencialmente preenchida – 77% contra 23%. Confirmando-se o que se observa em outros trabalhos, nossos resultados reiteram que *você*, na posição de sujeito, aparecia mais preenchido do que nulo. O pronome *tu*, por sua vez, em razão de ser marcado morfológicamente, ocorria mais nulo do que pleno.

Em relação ao emprego de *tu* na amostra, tanto nulo quanto pleno, JOS utiliza mais que a MRC – 62% contra 38% e 88% contra 12%, respectivamente. Por outro lado, o comportamento de MRC em relação a *você* é o inverso ao que ocorre com o noivo nos dados que se referem ao pronome *tu* preenchido, pois ela apresenta uma maior frequência dessa forma – 78% contra 22%. No que se refere a *você* nulo, MRC apresenta valores próximos aos do JOS, tendo 45% de frequência contra 55% do noivo. Vale ressaltar que essa diferença entre os missivistas também está relacionada à frequência menor de *tu* na posição de sujeito nas cartas da noiva e, sobretudo, de *você* nas de JOS – como se pode observar nas missivas dele, o número de dados da nova não ultrapassa 30 ocorrências em suas 62 cartas.

Nos exemplos (1) a (3) retirados das cartas de JOS, há alguns dados referentes tanto ao preenchimento do sujeito com *tu* quanto com *você*. Em (1), percebe-se que JOS utiliza muito a forma pronominal conservadora, aparecendo recorrentemente nula, como em: “se Ø desceres” e “se não Ø estiveres”. Em (2), há um exemplo de *tu* pleno: “**Tú** não debes pensar em bobagens”. Com relação a *você*, pouco produtivo nas cartas do noivo, tem-se um dado de sujeito preenchido no exemplo (3) – “Se **você** não matar da saudade” na carta de JOS.

- 1) “Se Ø desceres na quinta-feira, vae me | esperar no nosso ponto, agora se Ø desceres outro | dia quaquer [...] Ø não estiveres irei embora sosi- | nho.” (JOS/MRC – 03/05/1937)
- 2) “**Tú** não debes pensar em bobagens | pense unicamente em nosso amor, descansa | bem, alivia o **teu** cérebro [...]” (JOS/MRC – 19/01/1937)
- 3) “Se **você** não matar da saudade | A saudade vae me matar.” (JOS/MRC – 22/08/1936)

⁴Foram somados os valores correspondentes aos pronomes *tu* e *você* conforme o preenchimento do sujeito nas cartas do casal de noivos: *tu* nulo nas cartas de MRC + *tu* nulo nas cartas de JOS; *tu* pleno nas cartas de MRC + *tu* pleno nas cartas de JOS; *você* nulo nas cartas de MRC + *você* nulo nas cartas de JOS; e *você* pleno nas cartas de MRC + *você* pleno nas cartas de JOS.

⁵Foram somados os valores seguintes valores: *tu* nulo e pleno e *você* nulo e pleno.

Os exemplos de (4) a (6) foram retirados das cartas da MRC. Interessante observar nesses dados da noiva, a forte alternância entre *tu* e *você* na mesma carta como se vê em (29) e (30): “se **voçe não puder** vir... para Ø marcares”, “**voçe** não se esqueça... Ø podes rasgar”. Os dados de *tu* ora aparecem nulos ora preenchidos: “se **tu** queres ir com elle” , “para Ø marcares um emcontro”:

- 4) “JOS se **voçe não puder** vir no Domingo em minha casa | eu te pesso para Ø marcares um emcontro no sábado [...]” (MRC/JOS – 21/02/1937)
- 5) “[...] **voçe** não se esqueça desta | tua noivinha que tamto te ama | Mariquinha | não se esqueça de mandar as cartas Ø podes rasgar (MRC/JOS – 07/03/1937)
- 6) “O meu irmão Antoninho manda-te comvidar- | te se **tu** queres ir com elle em Paulo de | Frontem no dia 21 no trem das 8 horas [...]” (MRC/JOS – 14/02/1937)

Em um levantamento das cartas com uso categórico das formas variantes (só *tu* ou só *você*) e variação entre *tu* e *você* na mesma carta (*tu* e *você*), verificou-se que JOS teve em 36 cartas do total de 62 (58%) o emprego categórico de *tu* na posição de sujeito. Em apenas 26 missivas (42%), houve alternância de tratamento nessa posição. MRC, por outro lado, assume outro comportamento. Em suas cartas, houve variação entre as formas alternantes em todas as suas 25 missivas (100%). Esse aspecto pode revelar que JOS tinha um comportamento mais regular e sistemático quanto ao emprego tratamental em sua documentação, o que poderia reiterar, mais uma vez, um domínio maior da norma padrão em relação à MRC.

Com relação ao aumento do preenchimento do sujeito apontado, desde Duarte (1993) e observada por Souza (2012), os autores têm demonstrado que é entre os anos de 1930 e 1940 que o sujeito pleno passa a ser mais frequente no português brasileiro. Em nossos dados, houve um comportamento semelhante, já que foi identificado um índice percentual equivalente entre sujeitos plenos e nulos: 50% para cada um.

3.2. O gênero

Nas cartas analisadas, retomando os resultados apresentados na tabela (2), é possível perceber que a noiva utiliza mais *você* que *tu*, enquanto JOS possui comportamento contrário, preferindo *tu* a *você*. Uma das hipóteses levantadas para justificar o uso da nova forma pronominal pelas mulheres, nessa época, é a de que *você* guardava consigo um resquício de indiretividade originária da forma tratamental *Vossa Mercê* (cf. RUMEU, 2008). Por essa razão, a mulher utilizaria uma estratégia menos invasiva e direta que manteria ainda certo distanciamento entre ela e o interlocutor. Cabe lembrar que *você*, apesar de ser a variante mais inovadora em relação ao pronome *tu* de segunda pessoa, não era uma forma estigmatizada no português brasileiro.

Para ilustrar de maneira geral como se apresentam as formas pronominais analisadas segundo o gênero, segue abaixo um gráfico referente aos missivistas:

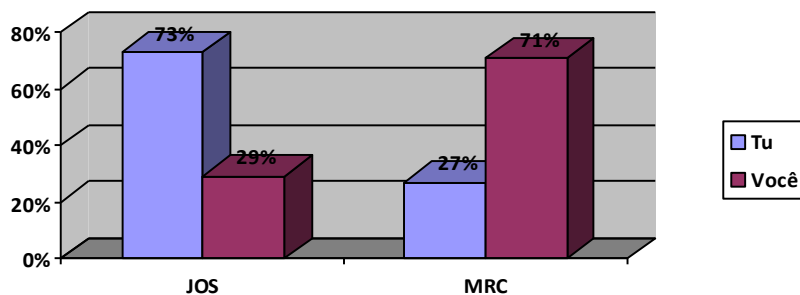


Gráfico 1: Dados percentuais das formas de segunda pessoa na posição de sujeito conforme o gênero.

O gráfico (1) mostra que o uso de *tu* e *você* nas cartas de JOS e de MRC apresentam valores praticamente inversos. O noivo apresenta a maior parte das ocorrências de sujeito tendo como referente *tu* de 73% dos casos contra 27% da MRC (291 e 108 dados, respectivamente). Já em relação a *você*, a noiva apresenta uma frequência muito maior que JOS, com 71% (88 dados) contra 29% do noivo (37 dados). É importante observar os valores absolutos, pois JOS apresenta menos variação entre *tu* e *você* em suas cartas e uso majoritário de uma das formas variantes (79% de *tu* – 147 dados de *tu* contra 37 de *você*). Isso corrobora com a visão de que o noivo alterna menos entre as formas pronominais, sendo, por isso, mais homogêneo no tratamento utilizado nas cartas. MRC apresenta um número de dados de *você* e de *tu* bem próximos, evidenciando que a noiva ora utiliza o sujeito com a forma conservadora, ora com a inovadora. Esse aspecto pode ser um indício a mais que faz de JOS um indivíduo mais letrado que MRC.

Conclusão

A partir de uma proposta que pressupunha a articulação entre uma análise de cunho filológico e o estudo da variação entre – *tu* e *você* – em cartas de dois missivistas, foi possível comprovar algumas hipóteses e ratificar a influência do perfil social dos remetentes na análise variacionista.

Os dados das missivas desta dissertação confirmaram que, em meados da década de 1930, os índices de *você* aumentam significativamente em relação ao pronome *tu*. As frequências para o sujeito pleno, em nossa amostra, foram equivalentes aos resultados observados com outros materiais. A hipótese levantada por Duarte (1995) se confirmou nesta análise, pois, conforme apontou Souza (2012), por volta da década de 1930 começa a haver um equilíbrio quanto à expressão plena ou nula do sujeito. Nos dados analisados, *você* já se mostrou bastante produtivo. Na posição de sujeito, identificaram-se altos índices para *você* e *tu* como sujeito preenchido, o que não tinha sido observado em outros estudos (pelo menos no que se refere ao pronome *tu*).

MRC empregou com maior produtividade a forma *você* em relação a JOS. Tal comportamento ocorreu, sobretudo, com sujeito preenchido. MRC apresentou também maior alternância entre as formas variantes, evidenciando a flutuação dos dois subsistemas de tratamento em competição na fase em análise. O grau de letramento traçado anteriormente acerca da missivista e o uso mais produtivo de *você* indicariam, nesse caso, que tal variante não mais resguardava a indiretividade e distanciamento observados no século XIX. O *você*, empregado por MRC, estaria funcionando como a variante de segunda pessoa do singular que se generalizou na fala cotidiana do português brasileiro novecentista.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Para uma História do Português Colonial: *Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves. Tratamento dos Corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e lingüísticos. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005.
- DUARTE, MRC Eugênia Lamoglia. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS & KATO (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, UNICAMP, 1993.
- LOPES & DUARTE, MRC Eugênia Lamoglia. “De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a análise pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas”. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo & MOTA, MRC Antônia (orgs.). *Análise*

contrativa de variedades do português. Primeiros estudos. Rio de Janeiro, In-Fólio, 2003.

LOPES & MACHADO, Ana Carolina Morito. “Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós”. In: LOPES, Celia Regina dos Santos (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, v. , p. 45-66, 2005.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2011.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de “você” no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2006.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística. Rio de Janeiro, UFRJ/Faculdade de Letras, (Dissertação de Mestrado), 2008.

MARQUILHAS, Rita. *Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII*. Tese de Doutorado. em Linguística Portuguesa, Lisboa: Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras, 420 fl. (Mimeo), 1996.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Conceito material do texto digital. Texto Digital, p. 6, 2009.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; KEPLER, F. N.; FARIA, P. E-dictor: Novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: SHEPERD, Tânia; SARDINHA, Tony Berber; PINTO, Márcia Veirano (Org.). *Caminhos da linguística de corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *A implementação do “Você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ - Faculdade de Letras, 2008.

SILVA, Érica Nascimento. Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Língua Portuguesa, 135f, 2012.

SOTO, Eva Ucy Miranda Sa.. *Varição/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2001.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes de. Mapeando a entrada do *você* no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX / Janaina Pedreira Fernandes de Souza. Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].